



## O PÃO 1959—1963

**Realização, argumento, sequência, fotografia e montagem:** Manoel de Oliveira

**Produção:** Manoel de Oliveira para a Federação Nacional dos Industriais de Moagem (FNIM)

**Assistentes de realização:** Lopes Fernandes e Sebastião de Almeida

**Assistente de som:** António Ribeiro

**Chefe eletricitista:** Augusto Camilo

**Transcrição do magnético para ótico:** Henrique Domingues

**Laboratórios:** Tobis Portuguesa (versão de 1959) e

Tóbis Portuguesa e Ulyssea Filme (versão de 1963)

**Duração:** 59 / 24 minutos

**Primeira apresentação da versão de 1959:** Sala do Pavilhão da Feira Industrial de Lisboa, 28 de novembro de 1959

**Primeira apresentação da versão de 1963:** Casa da Imprensa (Lisboa), 27 de setembro de 1963

**Estreia da versão de 1963:** Monumental (Lisboa), 19 de abril de 1966

### O CINEMA PORTUGUÊS EXISTE: O PÃO DE MANOEL DE OLIVEIRA

Sem desprimor para ninguém, creio podermos afirmar que Manoel de Oliveira é o nosso maior homem de cinema. Mesmo tendo em conta as suas excepcionais condições de trabalho, ele é o único que não pode ser acusado de uma falta de gosto, de uma transigência, de um espírito retórico, e, até de qualquer arremedo de intelectualismo. Manoel de Oliveira exprime-se através do cinema, entende-o como uma linguagem absoluta, pura, a que nada falta para captar a realidade e no-la dar a entender. Nele,



o cinema é poesia, não no sentido de agrado emocional de certos momentos, de arroubos líricos, mas no que de uma total visão do mundo pela imagem animada.

A chave do seu caminho expressivo pode conter-se nestas palavras, que escreveu para [a revista] *Filme* há oito meses: “Gostaria de sugerir, no documentário, certa transcendência para o espiritual, filmando acontecimentos correntes de uma maneira muito chã”. Esta sua afirmação, se por um lado nos dá a medida da sua formação de cineasta, ao escolher o documentário como forma de expressão preferida, leva-nos por outro a pensar que o seu amor pelas coisas humildes e nossas define um temperamento essencialmente português e uma atitude de natureza espiritualista.

Em *O Pão*, sua última obra, estas duas tendências estão bem visíveis. De facto, logo no início deste documentário, Manoel de Oliveira tem a preocupação de nos dizer: “O pão de cada dia obriga a um esforço constante de que o homem sai dignificado”. Desta maneira, a documentação de um processo técnico vulgar de fabrico ganha um significado sobrenatural que transparece nos momentos decisivos do filme. Este pretende dar ao pão o valor de matéria sacrificial que ocupa no catolicismo, elevando o Homem e fazendo-o participar num holocausto. “Tomai e comei, este é o meu corpo”. Através dele, o Homem perder-se-á também e o seu esforço não terá sentido. Eis porque em todo o filme o esforço do homem frente à natureza se mostra tão lírica inspiração. O homem, se encara o pão como puro alimento, não se dignifica (significado evidente das últimas imagens do filme, quando se vê a gargalhada



brutal do homem a seguir às palavras de distribuição simbólica do pão e a guerra a seguir à comunhão) como através do pão se podem confrontar injustiças sociais que não deviam existir - “o pão nosso de cada dia nos dai hoje”. Neste seu documentário, Manuel de Oliveira dá um passo decisivo no caminho da transcendência.

Todo o filme está contado talvez através de sucessivos paralelismos de comparações de ideias (algumas um pouco forçadas) numa forma inteligente de suprir as imensas dificuldades que se levantavam à necessária documentação do processo técnico de fabricação do pão.

Assim, a fita começa por um casamento na aldeia, seguido, em evidente sugestão, da fecundação da terra, do crescimento do cereal e da subsequente

ceifa. Assistimos depois à ceia comum, com o “écran” cheio de uma reprodução da Última Ceia. A debilidade e o transporte do grão levam-nos do campo, onde os modernos processos vão substituindo os belos, mas menos rendosos métodos agrícolas, à cidade, utilizando-se os mais diversos meios de transporte automóvel e fluvial.

É agora a parte essencialmente técnica do filme. Diante de nós desenrola-se a chegada dos camiões aos silos, para onde o grão é elevado mecanicamente, armazenado, analisado e preparado para a determinação dos lotes e execução das misturas. Depois da limpeza do trigo, Manuel de Oliveira evoca o velho moinho e o seu abandono, para logo voltar ao interior do enorme silo, onde esperam o grão mais algumas tarefas essenciais.



Depois, e para humanizar a secura da técnica, é-nos sugerida em apontamentos ricos de humanidade e quotidiano, a vida do operário, desde o seu repouso até ao novo dia de trabalho. Passamos então para a fábrica de farinha e assistimos à sua plena laboração. Agora, as tarefas a executar são outras, mas em todas elas o homem está presente, desde as primeiras operações com pneumáticos, cilindros, “sassores” e “planchisters” até ao ensacamento. Deste seguimos para os escritórios onde, durante um breve espaço de tempo, tomamos contacto com a orgânica da indústria: movimento dos empregados, assembleia dos industriais.

A farinha está pronta e é a altura de evocar o velho moinho agora abandonado. As mulheres carregam o trigo pela encosta e a voz do

Senhor faz-se ouvir. “A que se assemelha o reino dos céus? O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha até que levede toda a massa”. Vemos então a mais bela sequência do filme, que é o trabalho no interior do moinho, captado com o mais descarnado realismo, com a fala viva e singular do povo.

E, à panificação manual segue-se a panificação mecânica, sempre curiosa de seguir. O pão terminou o seu ciclo e vai ser entregue aos homens, nem sempre com a necessária justiça: no hotel de luxo o pão quase não tem valor, na rua serve para matar a fome. Neste mundo de contrastes violentos, perdeu-se o sentido da sua espiritualização e só há guerra e morte. Mas um par de noivos aparece e, estreitado pelo amor, contempla a seara ondulante que, como





Fotogramas do filme *O Pão* (1959–1963) de Manoel de Oliveira.

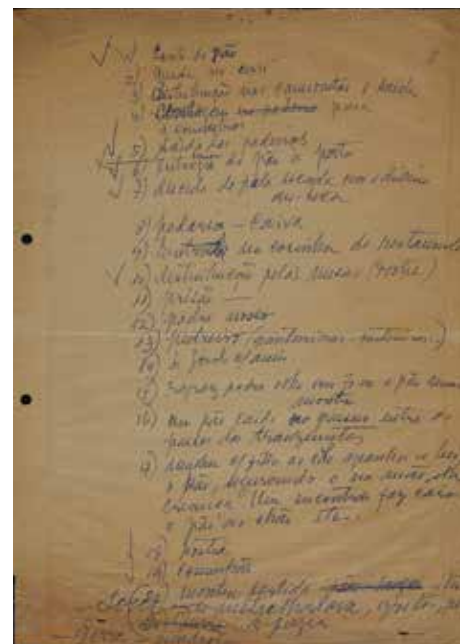
um grande mar verde, cobre a terra inteira. Ao longe ouve-se cantar um grilo...

Esta simples descrição do argumento só vem confirmar o que dissemos quanto às intenções do autor. Mas não queremos deixar de reparar, agora que vamos falar da técnica do filme, que *O Pão* não tem qualquer comentário oral nem música de fundo. As imagens são suficientes para nos contar a aventura do pão, e os ruídos naturais têm uma força rara de persuasão e emoção, tanto os do campo como os das máquinas. Se bem que a cor tenha muitos desacertos de laboratório e o som não corresponda àquilo que seria para desejar, a verdade é que estamos assistindo a algo de novo no documentário nacional geralmente vítima de um excesso de retórica. Pois este filme, que durante longos minutos é preenchido por

uma completa viagem pelo interior do silo e da fábrica, não cansa nesse pormenor: o homem está sempre presente, dominando a máquina. Esta em seu turno vista mais como um objecto que suscita curiosidade (por vezes Manuel de Oliveira consegue torná-la espectacular) do que um seco elemento de exposição.

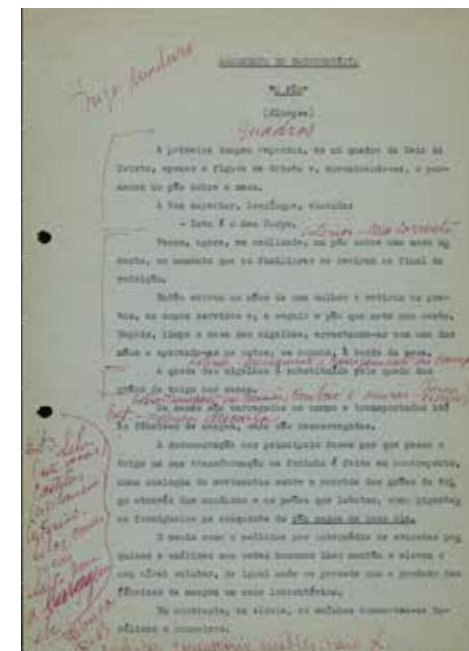
Num momento ou noutro, a preocupação do realizador perturba o ritmo da acção, com uma série de *raccordes* que nos custa compreender (a fita ressent-se da falta de fusões e encadeados, impossíveis de fazer a cores no nosso país) muito embora este filme tenha, quando o trabalho da máquina não nos domina, um ritmo lento e meditado que permite ficar alerta perante as imagens.

Imagem a imagem, portanto, Oliveira constrói o seu mundo. E, se um excesso de documentação



Documentos de trabalho do filme *O Pão* (1959-1963), depositados na Casa do Cinema Manoel de Oliveira - Fundação de Serralves.

técnica lhe tirou fôlego poético, e perturbou a construção linear, não são menos belos os momentos de poesia cinematográfica que a fita consegue: o abandono do velho moinho em três simplicíssimos planos, o arado fendendo a terra depois da cerimónia do casamento, a máquina que avança, terrível, ceifando o cereal etc... Emoção poética e beleza plástica não faltam. E não faltam, sequer, os momentos de humor ou de espectáculo: a corrida das camionetas pelo Alentejo, o breve apontamento do "rock and roll", o tapete rolante com os sacos sublinhando o endosso das letras, o "Foguete" que passa servindo de "raccord" sonoro com os separadores, etc. Pormenor curioso: muitas vezes o som parece atrasado, mas essa é uma forma de continuar, no plano seguinte o sentido do plano anterior. Trata-se de um recurso sonoro que, aqui e acolá, parece erro. Mas não é.



Uma palavra de justo louvor à Federação Nacional dos Industriais de Moagem que patrocinou o filme. Um artista precisa de ser amparado. E, no caso de Manuel de Oliveira, esse amparo justifica-se plenamente. Não pode encontrar-se para o pão um símbolo mais belo que o deste filme: todas as coisas se reconduzem a ele.

Luís de Pina  
(in *Filme - Revista Mensal de Cinema*, n.º 11, fevereiro de 1960, p. 34-35).